

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 28/10/2025

A FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE BIOLOGIA EM UM CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO NEOLIBERAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Flávia Jesus Santos

<https://orcid.org/0009-0009-0431-828X>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

RESUMO: Este estudo analisa a formação docente no ensino de Biologia no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando o impacto das políticas neoliberais no campo educacional. O avanço do neoliberalismo tem transformado a educação em mercadoria, impactando a formação de professores e a qualidade do ensino oferecido, especialmente nas modalidades de ensino voltadas para jovens e adultos. A pesquisa busca entender como a formação de professores pode contribuir para práticas pedagógicas críticas e transformadoras, integrando saberes científicos e populares, a fim de promover uma educação emancipatória. A EJA, com suas especificidades e desafios, demanda uma abordagem pedagógica que reconheça os saberes adquiridos pelos estudantes ao longo de suas trajetórias de vida, muitas vezes marcadas pela exclusão educacional e inserção precoce no mercado de trabalho. No ensino de Biologia, a formação docente deve ir além da simples transmissão de conteúdos científicos, buscando estabelecer conexões com as experiências cotidianas dos alunos e com as questões sociais e políticas que afetam suas vidas. A pesquisa adota uma perspectiva crítica, discutindo a importância de uma formação docente que articule teoria e prática, ciência e sociedade, e que promova uma reflexão sobre as condições materiais e históricas que atravessam a escola e a educação no Brasil. A formação de professores de Biologia, nesse contexto, deve ser pensada como um instrumento de resistência ao projeto neoliberal, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

ABSTRACT: This study analyzes teacher training in Biology education within the context of Education for Young People and Adults (EJA), considering the impact of neoliberal policies on the educational field. The advance of neoliberalism has turned education into a commodity,

affecting teacher training and the quality of education, especially in modalities aimed at young people and adults. The research seeks to understand how teacher training can contribute to critical and transformative pedagogical practices, integrating scientific and popular knowledge to promote emancipatory education. EJA, with its specificities and challenges, requires a pedagogical approach that acknowledges the knowledge acquired by students throughout their life trajectories, often marked by educational exclusion and early insertion into the labor market. In Biology education, teacher training must go beyond the mere transmission of scientific content, aiming to establish connections with students' daily experiences and the social and political issues that affect their lives. The research adopts a critical perspective, discussing the importance of teacher training that articulates theory and practice, science and society, while promoting reflection on the material and historical conditions that shape schools and education in Brazil. Teacher training in Biology, in this context, should be seen as a tool of resistance to the neoliberal project, contributing to the formation of critical individuals aware of their role in society.

INTRODUÇÃO

O ensino de Biologia, enquanto área do saber, é fundamental para o desenvolvimento da educação científica e para a compreensão crítica dos processos naturais e das interações entre os seres vivos e seu ambiente. No entanto, em um cenário sociopolítico caracterizado pelo avanço das políticas neoliberais, que tratam a educação como uma mercadoria e frequentemente reduzem a formação docente a uma capacitação técnica para o mercado de trabalho, é necessário repensar a natureza e a função da formação de professores, especialmente no ensino de Biologia. Em tempos onde a lógica do capital busca mercantilizar o conhecimento, é urgente refletir sobre os rumos da educação e como a formação docente

pode, ao invés de reforçar as desigualdades, atuar como um mecanismo de transformação social.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil, se configura como um espaço estratégico de discussão e prática docente, dado que a maioria dos estudantes que nela se inserem possuem trajetórias de vida marcadas pela exclusão educacional, dificuldades socioeconômicas e inserção precoce no mercado de trabalho. Esse contexto exige uma abordagem específica no que tange à formação dos professores que atuam com esses estudantes, sobretudo no ensino de Biologia. A EJA não é apenas uma modalidade educativa voltada para a recuperação de conteúdos, mas sim um campo que demanda uma abordagem pedagógica crítica, sensível às condições e necessidades dos alunos, e capaz de integrar saberes populares e científicos de forma significativa.

Neste cenário, a questão que norteia esta pesquisa é: como a formação de professores de Biologia para a EJA pode contribuir para uma prática pedagógica crítica e transformadora, considerando as influências de um contexto sociopolítico neoliberal? Este estudo busca investigar, a partir da literatura existente, as formas pelas quais a formação docente no ensino de Biologia pode se alinhar a uma perspectiva crítica que vá além da simples transmissão de conteúdos, permitindo aos docentes e alunos compreenderem as interações entre ciência, sociedade e política, e como estas afetam diretamente as vidas dos sujeitos da EJA.

O contexto neoliberal atual tem gerado um cenário de precarização das condições de trabalho docente, desvalorização da escola pública e enfraquecimento das universidades, o que impacta diretamente a formação de professores e a qualidade da educação oferecida aos estudantes, especialmente os que frequentam a EJA. Frigotto (2017) argumenta que as políticas neoliberais buscam transformar a

educação em uma mercadoria, onde o conhecimento é reduzido à capacitação técnica, e a função da escola é meramente atender às demandas do mercado de trabalho. Nesse sentido, a formação de professores de Biologia não pode se limitar à mera transmissão de conteúdos científicos, mas precisa ser pensada como um processo de formação crítica, onde a educação se torna um campo de resistência e transformação social.

Por outro lado, a EJA, com suas especificidades, demanda um olhar atento para os saberes prévios dos estudantes, muitas vezes marcados por suas trajetórias de vida no trabalho e nas lutas pela sobrevivência. Arroyo (2017) aponta que os alunos da EJA trazem consigo uma riqueza de saberes acumulados ao longo de suas vidas, que precisam ser reconhecidos e integrados ao processo de ensino-aprendizagem. O papel do professor de Biologia, neste contexto, vai além de transmitir conceitos científicos: ele deve ser capaz de articular o conhecimento científico com as experiências de vida dos estudantes, abordando temas como saúde pública, alimentação, biotecnologia, mudanças climáticas e biodiversidade, de forma que esses conteúdos possam dialogar com as realidades e preocupações cotidianas dos alunos.

A proposta central desta pesquisa é refletir sobre os desafios e as perspectivas da formação docente no ensino de Biologia para a EJA, considerando a importância da formação crítica dos professores, que se articule a uma leitura do contexto sociopolítico e histórico em que se insere. Giroux (1997) destaca que a formação crítica de professores é, antes de tudo, um ato político, que deve questionar as estruturas de poder e os padrões hegemônicos de conhecimento, rompendo com a cultura da reprodução. Esse olhar crítico deve ser incorporado ao ensino de Biologia, para que os professores possam capacitar seus alunos a compreenderem as complexas relações entre

ciência, sociedade, política e meio ambiente, e como essas relações afetam suas vidas.

Portanto, este estudo busca, não apenas entender os desafios enfrentados pelos docentes de Biologia na EJA, mas também propor caminhos para uma formação docente que seja capaz de integrar os conhecimentos científicos e os saberes populares, reconhecendo as especificidades do público da EJA e promovendo uma educação que contribua para a emancipação social. A pesquisa visa, ainda, discutir como a formação docente pode se tornar um instrumento de resistência à lógica neoliberal que fragiliza a educação pública e contribui para o aprofundamento das desigualdades sociais. Ao integrar os saberes da EJA com os conteúdos científicos de Biologia, é possível construir uma prática pedagógica que seja, ao mesmo tempo, crítica, transformadora e profundamente engajada com os desafios do contexto contemporâneo.

METODOLOGIA

Este estudo insere-se no campo da abordagem qualitativa, compreendendo que os fenômenos educacionais na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exigem uma análise que vá além da quantificação de dados, atentando-se à complexidade das relações sociais, subjetivas e históricas que atravessam o processo formativo. A formação do estudante e a formação do professor são entendidas como movimentos interdependentes, nos quais ambos são simultaneamente sujeitos e produtos das dinâmicas educacionais e sociais em que estão inseridos. Nesse sentido, a pesquisa, de natureza qualitativa e caráter descritivo, fundamenta-se na perspectiva de Lüdke e André (2017), que apontam que a principal preocupação desse tipo de investigação reside no entendimento dos processos vivenciados, priorizando a compreensão da realidade em seu contexto natural.

A escolha desse caminho metodológico deve-se à necessidade de apreender a formação continuada de professores e seu impacto sobre a prática educativa na EJA, reconhecendo as especificidades desse campo, como as trajetórias discentes, a pluralidade de saberes e as condições materiais e simbólicas que marcam o cotidiano escolar. Considerando as particularidades da EJA em relação à formação de professores, este estudo visa refletir sobre as implicações da formação continuada no ensino de Biologia, levando em conta as experiências de vida dos estudantes e o contexto sociopolítico neoliberal que impacta diretamente a educação pública no Brasil.

A investigação foi construída a partir de uma reflexão desenvolvida durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o objetivo de aprofundar a análise crítica sobre a importância da formação continuada para o ensino de Biologia na EJA. A opção pela Biologia, como área do conhecimento, não é aleatória, visto que esta disciplina oferece possibilidades de articulação entre saberes científicos e experiências de vida dos estudantes da EJA, favorecendo práticas pedagógicas emancipatórias.

O procedimento metodológico central utilizado foi a revisão de literatura, selecionada por seu potencial de sistematizar e tensionar produções acadêmicas relevantes à temática. Foram adotados critérios de inclusão artigos científicos, dissertações e outras produções acadêmicas disponíveis em bases de dados como SciELO, Google Acadêmico e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A seleção das publicações foi pautada pela pertinência temática, pela relação direta com a formação docente e o ensino de Biologia na EJA, além da relevância teórica e metodológica das produções.

A utilização da revisão de literatura, portanto, não se restringe à simples reunião de informações previamente publicadas, mas

configura-se como uma estratégia ativa de problematização e construção de novos olhares sobre a prática educativa na EJA.

A revisão de literatura visa não só diagnosticar problemas, mas também propor soluções e alternativas, apontando caminhos para a transformação das práticas formativas no contexto da EJA. Assim, a metodologia adotada reflete o compromisso deste estudo com a produção de conhecimentos que, além de identificar lacunas, sugiram possíveis intervenções e mudanças nas práticas pedagógicas, contribuindo para a melhoria da formação de professores de Biologia e o fortalecimento da educação de jovens e adultos na totalidade.

DESENVOLVIMENTO

A EJA E SEUS SUJEITOS: UMA EDUCAÇÃO COM ESPECIFICIDADES

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo educacional que lida com a pluralidade de sujeitos que não foram integrados ao sistema de ensino formal na idade considerada “normal” para o início da escolarização. Estes sujeitos carregam consigo trajetórias de vida e experiências que os tornam portadores de um saber diverso e único, o que implica em um olhar atento e específico por parte dos educadores. Como defende Paro (2009), a EJA deve ser entendida como um espaço educativo que lida com a diversidade, pois os alunos não formam um grupo homogêneo. Cada sujeito possui uma história única, que precisa ser considerada na construção do processo pedagógico.

Esses sujeitos, muitas vezes, carregam marcas de uma exclusão social e escolar, vivenciando, em grande parte, a marginalização tanto no mercado de trabalho quanto na esfera educacional. A exclusão que a EJA enfrenta é uma exclusão estrutural que vem sendo histórica. A educação para os jovens e adultos não pode ser entendida apenas como uma “recuperação de lacunas” deixadas no passa-

do, mas como um espaço de reconstrução e de reconstrução crítica. A EJA se configura como uma educação que busca não só fornecer conteúdos, mas também combater as desigualdades e oferecer uma nova chance aos sujeitos, respeitando suas realidades. Como destaca Arroyo (2007), a EJA não deve ser vista como um espaço para “remediar” os fracassos, mas para entender os processos históricos que levaram à exclusão desses sujeitos e oferecer a eles uma nova forma de aprender e se reconhecer na sociedade.

É importante reconhecer, também, que os alunos da EJA não são uma classe em defasagem, mas, sim, sujeitos com saberes próprios que podem ser valorizados no processo pedagógico. Esses saberes adquiridos ao longo de suas trajetórias de vida muitas vezes estão imbricados em experiências de trabalho, família e questões sociais que o ensino tradicional, muitas vezes, não considera. Assim, é essencial que o currículo da EJA dialogue com esses saberes e crie um espaço de valorização das experiências de vida. Santos et al. (2024) argumentam que a educação deve ser um processo que ressignifique essas experiências, promovendo o protagonismo dos alunos e não apenas a recuperação de conteúdos do ensino regular.

A formação docente, nesse contexto, assume papel fundamental. O professor da EJA precisa ser capaz de lidar com esse público diverso e singular, que traz para a sala de aula diferentes idades, histórias de vida e conhecimentos prévios. A formação do educador deve, assim, ser orientada para a prática pedagógica em um contexto de alta diversidade, o que exige uma abordagem flexível e inclusiva. Segundo Antunes (2010), a formação de professores da EJA deve integrar um olhar crítico sobre a realidade social dos alunos, e o educador deve ser capaz de adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades dos alunos, sem reduzir suas histórias ou saberes.

Além disso, a educação de jovens e adultos não deve ser pensada apenas no sentido de suprir as lacunas de aprendizado, mas como uma forma de empoderamento. Freire (1996) nos lembra que a educação é um processo de conscientização e libertação, e deve ser pautada na dialogicidade. O educador da EJA deve atuar como mediador da aprendizagem, ajudando os estudantes a conectar suas vivências com os conteúdos abordados, e, ao mesmo tempo, estimulando a reflexão crítica sobre as desigualdades que enfrentam.

Em relação ao currículo da EJA, este deve ser capaz de integrar os saberes adquiridos ao longo da vida pelos alunos com os conteúdos formais do ensino tradicional. A proposta de currículo deve ser construída de forma colaborativa, permitindo que os alunos participem ativamente do processo de construção do saber. Nesse sentido, a educação na EJA não pode ser uma mera transmissão de conteúdos, mas um espaço de troca, de construção conjunta do conhecimento, onde os saberes dos alunos são respeitados e incorporados ao processo pedagógico. Segundo Silva (2013), a educação na EJA deve ser entendida como um processo de reparação social, no qual o saber popular é reconhecido e utilizado como base para a construção do saber acadêmico.

Por fim, o desafio de pensar a EJA não se limita à adaptação de conteúdos e metodologias, mas também envolve a formação de educadores capazes de lidar com as complexas dinâmicas sociais e individuais dos alunos. Para que o processo educativo seja transformador, é necessário que o professor da EJA seja um agente de mudança social, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação crítica e emancipadora. Como bem ressalta Nóvoa (2013), a formação do educador deve ser contínua e reflexiva, e, mais do que nunca, volta-da para a realidade dos sujeitos da EJA, com o intuito de promover não apenas o aprendizado formal, mas também a transformação social.

O ENSINO DE BIOLOGIA NA EJA: ENTRE O CURRÍCULO E A VIDA

Tratar do currículo de Biologia na EJA é um tema ainda complexo. Krause (2012) tece importantes críticas às metodologias utilizadas nesse contexto, destacando suas limitações e sugerindo que o ensino deve priorizar uma aprendizagem significativa, que leve em consideração as experiências dos alunos, em vez de se basear unicamente em aulas expositivas e no uso do livro didático.

Nesse contexto, à medida que os estudantes necessitam de um currículo mais adequado às suas realidades, a formação docente e os saberes das áreas do conhecimento devem ser convocados a confrontar suas visões idealizadas. O currículo, portanto, precisa ser atravessado pela organização disciplinar dos conhecimentos da escola, desvinculando-se do enciclopedismo e da fragmentação dos saberes abstratos, distantes da realidade existencial vivida pelos alunos (Souza; Casab, 2022).

O currículo de Biologia na EJA, frequentemente estruturado a partir de uma matriz disciplinar rígida e descontextualizada, revela-se como um campo de disputa epistemológica. A organização dos saberes que compõem os conteúdos escolares não é neutra, mas obedece a uma lógica de seleção que privilegia determinadas formas de conhecimento em detrimento de outras.

Como destaca Goodson (1995), os currículos escolares são construções sociais que refletem relações de poder, escolhas políticas e disputas simbólicas sobre o que deve ser ensinado. No caso da Biologia, essa seleção muitas vezes resulta na valorização exclusiva da ciência ocidental moderna, tratada como a única via legítima para compreender os fenômenos naturais e os corpos, sem, no entanto, reconhecer os modos plurais de saber que circulam entre os estudantes da EJA.

Esse tensionamento entre saberes se torna ainda mais evidente quando consideramos a realidade dos educandos da EJA, cujas experiências de vida estão profundamente marcadas pelo trabalho, pelas lutas pela sobrevivência e pela sabedoria cotidiana. Arroyo (2014) argumenta que a condição de trabalhador é uma dimensão fundante da identidade desses sujeitos, e que suas experiências deveriam ser tratadas como referência primordial na construção curricular.

No entanto, o que se observa é uma persistente adesão a um currículo “pasteurizado”, que raramente reconhece o saber situado como válido. Essa lógica curricular resulta no que Boaventura de Sousa Santos (2010) denomina de epistemicídio — a morte simbólica de saberes que são apagados ou silenciados em nome de um conhecimento hegemônico, travestido de universal.

Além disso, o currículo de Biologia na EJA falha ao não problematizar sua própria função formativa. A educação científica, quando orientada por uma lógica bancária, descola-se da vida concreta e falha em promover uma leitura crítica do mundo. Freire (2019) aponta que não há neutralidade no ato de educar: todo currículo implica uma concepção de mundo, de sujeito e de sociedade.

Ao não reconhecer os saberes dos estudantes e ao ignorar os conflitos reais que atravessam suas vidas, como as precariedades no trabalho, as desigualdades territoriais e as questões de saúde pública, a Biologia escolar deixa de cumprir seu papel emancipador e reafirma uma função adaptativa e reprodutora da ordem vigente.

Nesse contexto, a epistemologia do currículo precisa ser urgentemente repensada. O desafio é conceber um currículo de Biologia que não seja apenas transmissor de conteúdos científicos, mas um espaço de enunciação de saberes plurais e de articulação entre diferentes epistemologias.

Isso não significa relativizar o conhecimento científico, mas deslocá-lo de sua posição de exclusividade para inseri-lo em um diálogo horizontal com outras formas de compreender o mundo. Como propõe Walsh (2009), trata-se de caminhar em direção a uma interculturalidade crítica, na qual os saberes dos povos e das classes populares não sejam apenas integrados para serem domesticados, mas reconhecidos em sua potência de resistência e criação.

Essa reconfiguração epistemológica demanda uma nova postura por parte do professor de Biologia. A formação docente não pode se restringir à atualização de conteúdos disciplinares ou ao domínio de métodos didáticos. É necessário formar educadores que sejam intelectuais críticos, capazes de compreender os processos de exclusão e silenciamento que estruturam o currículo, e que desejem atuar como mediadores entre os saberes científicos e os saberes populares.

Isso exige uma formação que articule dimensões epistemológicas, políticas e afetivas — que permita ao professor enxergar o educando da EJA não como alguém “defasado”, mas como sujeito de saber, cuja trajetória carrega marcas de luta, resistência e produção de conhecimento. Em suma, repensar o currículo de Biologia na EJA implica uma profunda reorientação do projeto formativo da docência. Trata-se de forjar educadores comprometidos com a justiça cognitiva, como propõe Santos (2010), e com a pedagogia do diálogo, como insiste Freire (2019).

O professor da EJA não pode ser apenas um transmissor de conteúdos, mas um construtor de pontes entre mundos epistêmicos. Para isso, é preciso escutar, dialogar e reconhecer a complexidade das trajetórias dos sujeitos da EJA — não como apêndices do currículo, mas como ponto de partida para a construção de um conhecimento que faça sentido, que toque a vida e que amplie as possibilidades de existência.

A FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE BIOLOGIA EM UM CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO NEOLIBERAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A formação docente no ensino de Biologia, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), não pode ser dissociada das tensões sociopolíticas que perpassam a educação em um cenário neoliberal. A reforma educacional e as políticas neoliberais que predominam no Brasil tratam a educação como um serviço, e não como um direito fundamental, com o objetivo de atender a interesses do mercado.

Nesse cenário, discutir a formação de professores é, também, questionar o papel da educação na reprodução ou transformação das estruturas sociais. Essa discussão se torna ainda mais relevante no contexto da EJA, onde os sujeitos, muitas vezes marginalizados pelas políticas educacionais tradicionais, se veem como protagonistas de um processo educativo que precisa ser, de fato, emancipador.

A educação, conforme Saviani (2005), dentro do modo de produção capitalista, tende a reproduzir as desigualdades sociais. No entanto, quando tensionada politicamente, pode se tornar um espaço de resistência e reinvenção. Para Freire (2001), a educação crítica deve ser vista como um ato de resistência que desafia as práticas educacionais dominantes, promovendo uma educação que não seja alienante, mas que fomente a conscientização e a transformação social.

No contexto da Biologia, o ensino não pode ser restrito à simples transmissão de conteúdos; é essencial que ele se articule com as experiências vividas pelos estudantes da EJA, proporcionando uma compreensão crítica da ciência como um campo que não é neutro, mas sim um campo impregnado de interesses políticos, sociais e econômicos.

Esse processo é ainda mais urgente no contexto das políticas neoliberais, que transformam a educação em um bem de consumo. O modelo de educação que se impõe não valoriza o saber popular, nem as trajetórias dos estudantes da EJA, que trazem consigo uma riqueza de experiências relacionadas ao mundo do trabalho e à luta pela sobrevivência. Quando se forma professores para esses sujeitos, é necessário pensar em práticas pedagógicas que integrem o conhecimento acadêmico com o saber cotidiano, criando um espaço de dialogicidade, conforme proposto por Paulo Freire. Essa integração é fundamental para promover uma educação que não apenas instrui, mas transforma.

Além disso, a precarização do trabalho docente e o enfraquecimento das universidades públicas no Brasil refletem um projeto de desmonte da educação como direito social. Frigotto (2017) e Apple (2003) argumentam que a lógica neoliberal busca tornar o conhecimento em mercadoria e a formação docente em uma simples preparação para o mercado de trabalho, desconsiderando o potencial transformador da educação.

No entanto, a formação de professores de Biologia para a EJA exige a superação desse modelo fragmentado, que reduz a educação a um processo técnico. Ao invés disso, é necessário promover uma formação crítica que permita aos professores ajudar seus alunos a compreender as relações entre ciência, sociedade e poder, especialmente em uma época de crescente desigualdade social e ataque aos direitos sociais.

O ensino de Biologia, neste contexto, deve ser entendido como um instrumento de crítica social. Delizoicov e Angotti (1990) ressaltam a importância de se questionar os dilemas éticos e sociais da prática científica, não apenas como uma maneira de transmitir conhecimento científico, mas também como uma forma de engajamento político. Para os

estudantes da EJA, muitos dos quais estão inseridos no mundo do trabalho, a Biologia pode ser uma ferramenta poderosa para compreender problemas concretos, como saúde pública, questões ambientais, e as relações entre biotecnologia e as condições de vida dos trabalhadores. Carvalho e Gil-Pérez (1998) observa que o ensino de Ciências deve ser capaz de desnaturalizar os processos biológicos e sociais, revelando suas determinações históricas e sociais.

Neste ponto, a formação de professores precisa se articular a uma abordagem pedagógica que valorize as experiências dos estudantes da EJA e promova uma visão crítica da ciência, desafiando a lógica neoliberal que visa reduzir a educação à mera transmissão de informações. Arroyo (2017) destaca que os estudantes da EJA trazem consigo saberes produzidos a partir de suas experiências de trabalho e vida, que devem ser reconhecidos e incorporados no processo educativo. Isso não significa apenas aplicar teorias e metodologias que são frequentemente dissociadas da realidade dos alunos, mas criar uma pedagogia que dialogue com a vida cotidiana deles e possibilite uma reflexão crítica sobre o mundo em que vivem.

A importância das políticas educacionais também se destaca nesse processo. Gatti (2013) argumenta que, para a formação docente ser eficaz, é essencial que ela esteja alinhada com políticas públicas que garantam não somente o acesso, mas a permanência e a qualidade da educação. As políticas educacionais devem ser reformuladas para superar o caráter mercantilista que as políticas neoliberais impõem e devem se comprometer com a construção de uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e transformadora.

A formação docente, portanto, não pode ser vista apenas como um processo de capacitação técnica, mas como uma oportunidade de formar educadores que tenham o poder de

engajar seus alunos na construção de um pensamento crítico e emancipatório. Portanto, a formação docente em Biologia para a EJA deve ir além da simples capacitação técnica e se tornar um processo de construção de uma educação crítica, política e socialmente engajada.

Como destaca Giroux (1997), a formação docente deve ser, antes de tudo, um ato de resistência à lógica neoliberal, um processo de formação que desafia as práticas hegemônicas e busca construir uma educação que seja capaz de transformar a realidade dos alunos. Formar professores para a EJA não é apenas uma questão pedagógica, mas também uma questão política, que envolve o compromisso com a emancipação dos sujeitos, a luta contra as desigualdades e a construção de uma educação verdadeiramente libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou a formação docente no ensino de Biologia em um contexto sociopolítico neoliberal, com especial atenção à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao longo da análise, discutimos os desafios impostos pelas políticas neoliberais, que tratam a educação como mercadoria e reduzem a formação docente a uma simples capacitação técnica. Nesse contexto, as escolas públicas e as universidades se veem ameaçadas por um processo de precarização do trabalho docente e pelo enfraquecimento das políticas educacionais que garantem o acesso ao ensino de qualidade para todos.

A formação de professores de Biologia deve, portanto, ir além da simples transmissão de conteúdos técnicos. Em tempos de crescente individualismo e fragmentação do saber, é urgente que os docentes se preparem para atuar de forma crítica e transformadora. Essa formação precisa estar intimamente ligada às especificidades dos estudantes da EJA, que trazem consigo saberes e experiên-

cias acumuladas no cotidiano e no mercado de trabalho. Ao reconhecer e valorizar esses saberes, o processo educativo pode ser mais significativo e contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes das relações sociais, políticas e econômicas que moldam suas vidas.

Os professores de Biologia têm um papel fundamental na construção de um ensino que não apenas aborde questões científicas de forma isolada, mas que promova uma reflexão sobre a inserção do conhecimento científico nas dinâmicas sociais e econômicas. Discutir temas como saúde pública, crises ambientais e biotecnologia não deve ser visto apenas como uma maneira de ensinar a ciência, mas como uma oportunidade de aproximar os alunos da realidade social e política em que estão inseridos. O ensino de Biologia pode, portanto, ser um espaço de resistência, onde os estudantes

são convidados a questionar as estruturas de poder e a entender a ciência como uma ferramenta para a transformação social.

Por fim, ao refletir sobre as implicações da formação docente no ensino de Biologia para a EJA, torna-se claro que a educação deve ser pensada não apenas como um espaço de transmissão de saberes, mas como um meio de transformação das condições sociais dos estudantes. A formação crítica de professores é, assim, uma resposta à lógica neoliberal que fragmenta e empobrece o conhecimento. Nesse sentido, o ensino de Biologia, ao integrar questões sociais e científicas, pode ser um potente instrumento de emancipação e conscientização, permitindo que os alunos da EJA não apenas compreendam o mundo em que vivem, mas também se tornem agentes de mudança em suas próprias realidades.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Produzindo diferença: neoliberalismo, neoconservadorismo e a política de reforma educacional. **Linhas Críticas**, vol. 21, núm. 46, septiembre-diciembre, 2015

ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? REVEJ@ - **Revista de Educacao de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007. Disponível em: https://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf. Acesso em 24 de abril de 2025

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, c2002. 364p. (Docência em formação Ensino fundamental) ISBN: 8524908580

CARVALHO, A. M. P.; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de Ciências**.

Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1998.

DOURADO, R. DE C. S.; SOUSA, E. C.; NUNES, R. L. S. Descortinando a Formação Inicial e Continuada de Docentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Ensin@ UFMS**, v. 5, n. Esp., p. 110-121, 26 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 2017.

GATTI, Bernardete. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: POLÍTICAS E PROGRAMAS. **PARADIGMA**, Maracay, v. 42, n. e2, pág. 01–17, 2021. DOI: 10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2021.p01-17.id1044. Disponível em: <https://revistapara-digma.com.br/index.php/paradigma/article/view/1044>. Acesso em: 28 abr 2025.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 270 p.

Krause, F C (2012). **Modelos tridimensionais em biologia e aprendizagem significativos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Ensino Médio** (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª ed. São Paulo: LTC, 2017

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar: introdução crítica**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMERO, M C. SANTOS, S M. REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO DOCENTE PARA A EJA. **Revista Teias** • v. 25 • n. 77 • abr./jun. 2024. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v25n77/1982-0305-teias-25-77-0295.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025

SANTOS, F J. SANTOS, A S N. JESUS, E S. SOUZA, L B. LIMA, L Q. LEAL, L S. BRANDÃO, J N V S. Metodologias de ensino sobre Anatomia e Fisiologia Humana na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 11, e115131147384, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/386018071_Metodologias_de_ensino_sobr_e_Anatomia_e_Fisiologia_Humana_na_Educacao_de_Jovens_e_Adultos_EJA_Revi_sao_integrativa_de_literatura. Acesso em 11 abr. de 2025

SANTOS, P dos. SILVA, G da. Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, e96660, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v45n2/2175-6236-edreal-45-02-e96660.pdf>. Acesso em 11 abr de 2025

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Nascimento Ágnes. CASSAB, Mariana Os Educandos da EJA e suas Leituras sobre a Disciplina Escolar Biologia: Provocativas Necessárias para Pensar o Currículo e a Pesquisa na Área da Educação Científica **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, vol. 22, pp. 1-24, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5716/571674320016/571674320016.pdf>. Acesso em 24 de abr de 2025